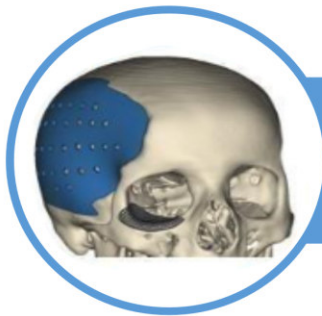




A COMUNICAÇÃO EFETIVA REALIZADA POR ENFERMEIROS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA FRENTE AOS CUIDADOS PALIATIVOS

Crystianne Samara Barbosa Araújo, Daiana Lima Almeida, Luciana Araújo da Silva, Rosiane Ribeiro Simião, Maria Vanessa Bezerra Lima, Nelson Gonçalves de Medeiros Santos, Nágela Marcelli dos Santos Barros, Bruno da Silva Inácio, Lucineide Sousa Penha, Francisca Lucieide Rodrigues Pinheiro



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n9p561-578>

Artigo recebido em 31 de Julho e publicado em 11 de Setembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Os cuidados paliativos têm como propósito proporcionar conforto e qualidade de vida para pacientes com doenças graves ou incuráveis, além de oferecer suporte emocional e espiritual para a família, em todas as fases da doença. Como objetivo principal compreender a atuação do enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva na comunicação efetiva aos pacientes em cuidados paliativos. Trata-se de um estudo caráter descritivo, exploratório de abordagem qualitativa. Participaram do estudo profissionais da enfermagem atuantes em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado. Os dados foram analisados através da interpretação de gráfico e tabelas com a utilização da literatura pertinente. Respeitou os princípios éticos e legais estabelecidos pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Constatou-se que a maioria dos profissionais enfermeiros participantes do estudo tiveram durante a sua formação profissional algum tipo de formação de como comunicar-se com pacientes em cuidados paliativos. Enquanto integrante da equipe de saúde, todos acreditam que a comunicação efetiva poderá ser utilizada como instrumento essencial nos cuidados prestados a esses pacientes. Evidenciou que a comunicação pelos profissionais é realizada pelo toque e do diálogo. Ainda, afirmaram que a comunicação efetiva sendo realizada de forma adequada poderá ter muita influência na aceitação dos familiares. Ressaltaram ainda que a maior dificuldade encontrada durante a comunicação com os familiares foi a não aceitação do diagnóstico da paliação. Concluiu-se que através da comunicação efetiva os profissionais de saúde, em especial a equipe de enfermagem, poderá atender às necessidades e aos desejos desses pacientes ajudando no alívio o no desconforto físico e psicológico proporcionando cuidados humanizados ao paciente e aos seus familiares.

Palavras-chave: Comunicação; Cuidados paliativos; Enfermagem

EFFECTIVE COMMUNICATION CARRIED OUT BY NURSES IN THE INTENSIVE CARE UNIT IN FRONT OF PALLIATIVE CARE

ABSTRACT

Palliative care aims to provide comfort and quality of life for patients with serious or incurable illnesses, as well as emotional and spiritual support for families at all stages of the disease. The main objective is to understand the role of Intensive Care Unit nurses in effectively communicating with patients undergoing palliative care. This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach. Nursing professionals working in the Intensive Care Unit (ICU) participated in the study. A semi-structured questionnaire was used as a data collection instrument. Data were analyzed through the interpretation of graphs and tables, using relevant literature. The study complied with the ethical and legal principles established by Resolution 466/12 of the National Health Council. It was found that most of the nurses participating in the study received some form of training in communicating with patients undergoing palliative care during their professional training. As members of the healthcare team, all believe that effective communication can be used as an essential tool in the care provided to these patients. It was demonstrated that communication between professionals is achieved through touch and dialogue. Furthermore, they stated that effective communication, when carried out appropriately, can have a significant impact on family acceptance. They also emphasized that the greatest difficulty encountered during communication with family members was their lack of acceptance of the palliative care diagnosis. The conclusion was that through effective communication, health professionals, especially the nursing team, can meet the needs and desires of these patients, helping to alleviate physical and psychological discomfort and providing humanized care to the patient and their families.

Keywords: Communication. Palliative care. nursing

Instituição afiliada – Centro Universitário Maurício de Nassau de Juazeiro do Norte – UNINASSAU

Autor correspondente: Crystianne Samara Barbosa Araújo crystiannesamara2023@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

No Brasil, os cuidados paliativos começaram a ganhar destaque a partir da década de 2000, com a criação de serviços especializados em hospitais de referência. Contudo, a cobertura ainda é restrita, sendo amplamente concentrada nos grandes centros urbanos, o que limita o acesso de pacientes que vivem em regiões periféricas ou em áreas rurais. Além disso, a carência de políticas públicas voltadas para os cuidados paliativos ainda representa um grande obstáculo para a universalização desse serviço no Sistema Único de Saúde (SUS) (Oliveira; Moraes, 2021).

Os princípios dos cuidados paliativos (CP) da enfermagem dentro da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) são fundamentais para garantir uma abordagem holística e humanizada aos pacientes em situações críticas. Esses princípios incluem o alívio da dor e do sofrimento, o respeito à autonomia e dignidade do paciente, a comunicação efetiva e empática, a colaboração interdisciplinar, a promoção do bem-estar físico, emocional e espiritual, além do suporte integral à família (Queiroz, 2018).

Cuidados para toda equipe devem buscar estar presente, ouvir ativamente as necessidades dos pacientes e suas famílias, proporcionar conforto e suporte emocional, bem como tomar decisões compartilhadas. Os princípios dos cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva visam garantir que cada paciente receba cuidados personalizados, individualizados e baseados em valores pessoais, permitindo que eles enfrentem sua condição com dignidade e qualidade de vida. A comunicação terapêutica entre a equipe de enfermagem em cuidados paliativos dentro da UTI precisa ocorrer por meio de diálogo aberto, escuta ativa e empatia, visando compreender as necessidades do paciente e proporcionar suporte emocional (Oliveira; Silva; Brandão, 2020).

A comunicação efetiva entre os profissionais de saúde e os familiares do paciente é essencial para a realização dos cuidados paliativos na UTI. Isso envolve transmitir informações de forma clara, contextualizada e empática, escolhendo o momento adequado, considerando o estado emocional do paciente e da família, e fornecendo suporte durante a discussão de assuntos difíceis (Gulini *et al.*, 2017).

A assistência de enfermagem tem um papel de extrema relevância, sendo os

profissionais que acompanham no tratamento e intervenções para esse cuidado e conforto. Dessa forma, visando priorizar uma assistência mais eficaz, percebe-se a necessidade de obter conhecimento teórico e técnico para realizar a comunicação efetiva como instrumento terapêutico aos pacientes que estão em cuidado paliativos.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a atuação do enfermeiro na UTI na comunicação efetiva aos pacientes em cuidados paliativos. E ainda, conhecer de que maneira é realizada a comunicação terapêutica entre o enfermeiro e a equipe de enfermagem com os pacientes em cuidados paliativos dentro dessa unidade assistencial?

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo de caráter descritivo, exploratório de abordagem qualitativa. Foi realizado em um serviço hospitalar situado em uma cidade do interior do Ceará.

Os participantes do estudo foram enfermeiros atuantes em UTI adulta. Foram excluídos profissionais que não atuem diretamente na assistência aos pacientes e aqueles que realizarem o preenchimento incompleto/errado do instrumento de coleta de dados.

Os participantes foram convidados de forma individual, em sala reservada para a aplicação do instrumento. A pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e explicou sobre os direitos do participante. Ressaltou-se que a sua participação se daria de forma voluntária e autônoma podendo desistir da pesquisa a qualquer momento durante a resolução do instrumento bem como, ao longo do estudo caso queira desistir, ainda, terá o direito de solicitar a retirada do TCLE e a não publicação das suas respostas.

Para a realização da coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado composto por perguntas sobre o perfil profissional dos participantes e questões específicas sobre a temática abordada. As coletas aconteceram no mês de junho de 2024.

Esta pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) do Centro Universitário de Maurício de Nassau de Juszeiro do Norte.

Após a preciação ética cumpriu com as exigências formais da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada sob o número do parecer: 6.838.398.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, participaram do estudo 12 enfermeiros atuantes em UTI. Dessa forma, a partir da consulta dessas respostas foi possível verificar o perfil desses profissionais e agrupá-los em uma tabela.

Ainda, para melhorar o entendimento do leitor sobre a comunicação efetiva durante a formação profissional, enquanto profissional integrante da equipe de saúde e sobre a efetividade da comunicação como instrumento terapêutico na UTI com pacientes em cuidados paliativos.

Tabela 1: Perfil dos participantes do estudo. A comunicação efetiva realizada por enfermeiros na unidade de terapia intensiva com pacientes em cuidados paliativos. Ceará. Junho de 2024.

PERFIL PARTICIPANTES DO ESTUDO		
IDADE	Nº	%
Entre 18 -23 anos	1	8,3 %
Entre 24-29 anos	8	66,7 %
Acima de 30 anos	3	25 %
SEXO		
Feminino	8	66,7%
Masculino	4	33,3 %
TEMPO DE FORMAÇÃO		
Entre 1 até 3 anos	1	8,3 %
Entre 4 até 6 anos	2	16,7%
Entre 7 até 10 anos	1	8,3%
Acima de 10 anos	8	66,7%
TOTAL DE PARTICIPANTES:	12	100%

Fonte: dados da pesquisa. 2024.

Neste estudo observa-se que entre o público-alvo a faixa etária em destaque foi acima de 24 entre 29 anos do sexo feminino e com tempo de formação acima dos 10 anos; o que nos remete a acreditar que os profissionais atuantes nesse serviço são experientes na prestação dos cuidados aos pacientes em cuidados intensivos.

Para garantir a realização dos cuidados paliativos na UTI, é fundamental estabelecer uma comunicação efetiva entre os profissionais de saúde e os familiares do

paciente. Isso inclui transmitir informações de maneira clara, contextualizada e empática, escolhendo o momento apropriado, levando em consideração o estado emocional do paciente e da família, além de fornecer suporte durante a discussão de assuntos difíceis. Uma comunicação bem-sucedida contribui para o entendimento da situação e auxilia no processo de cuidado e tomada de decisões (Oliveira; Silva; Brandão, 2020).

Os cuidados paliativos surgiram oficialmente como uma prática distinta na saúde na década de 1960, no Reino Unido, tendo como pioneira a médica Cicely Saunders. O trabalho dessa médica, que também era enfermeira e assistente social, deu início ao movimento dos Cuidados Paliativos, que engloba assistência, ensino e pesquisa (Gomes; Othero, 2016).

Tudo começou a partir da experiência no atendimento a um paciente judeu polonês vindo de Varsóvia, chamado David Tasma, que faleceu aos 40 anos de câncer retal em 1948. Essa vivência despertou em Cicely a vontade de ajudar as pessoas não apenas a morrer em paz, mas também a viver bem, sendo atendidas em suas necessidades com dignidade até o fim da vida (Santos, 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 80% da população mundial carecem de acesso a cuidados paliativos adequados, e essa lacuna é mais evidente em regiões da América Latina, África e Sudeste Asiático. No Brasil, apesar das iniciativas recentes, a disponibilidade de medicamentos e equipes treinadas para lidar com os casos mais complexos ainda é limitada, particularmente fora dos grandes centros urbanos (OMS, 2018).

A comunicação é intrínseca ao comportamento humano e permeia todas as suas ações no desempenho de suas funções. Etimologicamente, a palavra comunicar origina-se do latim *communicare*, que significa pôr em comum. Assim, a comunicação pode ser compreendida como uma técnica de trocas e de compreensão de mensagens, emitidas e recebidas, mediante as quais as pessoas se percebem e partilham o significado de ideias, pensamentos e propósitos (Matsumoto, 2012).

Para que haja uma comunicação efetiva é necessário atenção, linguagem adequada e doação de tempo, sendo primordial para o paciente ter confiança em seu médico e toda equipe de saúde que faz parte desse cuidado, é preciso ser acolhido de forma digna e humanizada, onde obter informações sobre sua doença é uma questão

prioritária nesse processo, desde o diagnóstico até as fases mais avançadas da doença (Munhoz *et al.*, 2014; Galvão; Borges; Pinho, 2017).

A comunicação efetiva entre enfermeiros, pacientes e familiares em cuidados paliativos na UTI constitui um eixo central para garantir um cuidado digno, humanizado e alinhado aos princípios da bioética. Quando os profissionais de enfermagem estabelecem uma relação comunicativa baseada na escuta ativa e na empatia, observa-se maior aceitação das condutas propostas, além de redução da ansiedade e do sofrimento emocional dos familiares, que vivenciam um momento de vulnerabilidade intensa (Araújo; Silva, 2020; Carvalho et al., 2021).

Tabela 2: A comunicação efetiva realizada por enfermeiros na unidade de terapia intensiva com pacientes em cuidados paliativos. Ceará. Junho de 2024.

Durante a formação profissional teve algum tipo de orientação de como comunicar-se com o paciente em cuidados paliativos?		
Sim	8	66,7%
Não	4	33,3 %
Enquanto enfermeiro intensivista e integrante da equipe de saúde acredita que a comunicação efetiva poderá ser utilizada como instrumento essencial aos cuidados voltados aos pacientes em cuidados paliativos?		
Sim	12	100%
Acredita que a comunicação efetiva é um instrumento que influencia na aceitação dos familiares em relação ao paciente em cuidados paliativos?		
Sim	12	100%
TOTAL DE PARTICIPANTES:	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

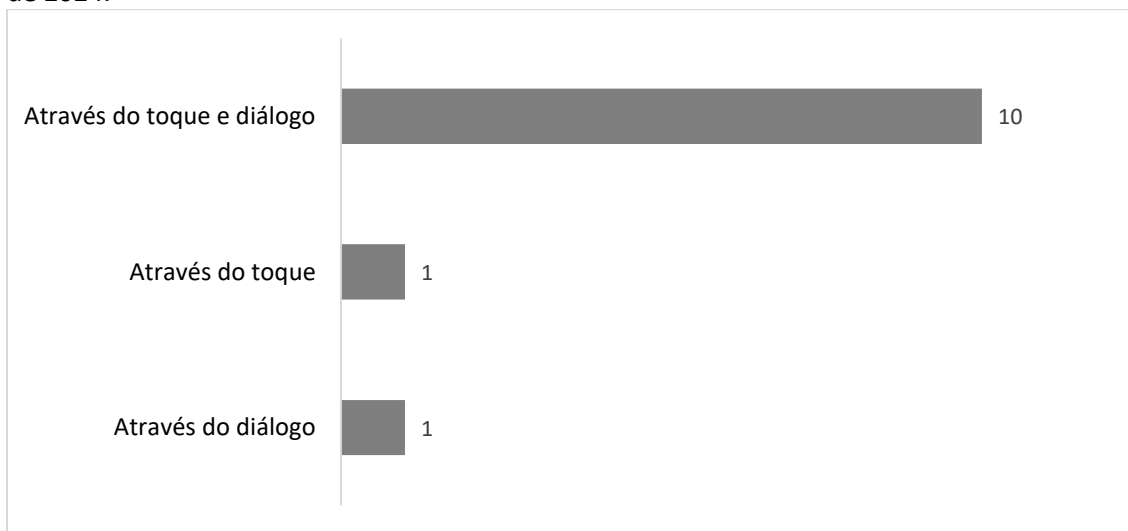
A comunicação serve como ponte para o estabelecimento de confiança e empatia entre a enfermagem, o que facilita uma assistência de qualidade, sem contar que é um direito do paciente e familiares obter uma comunicação clara e franca (Franco *et al.*, 2017).

A comunicação com o paciente e seus familiares pode ser dificultada na UTI, em razão da severidade da doença, das complicações, do elevado risco de óbito e do limitado conhecimento médico da família. A boa comunicação é parte essencial da prática ao paciente oncológico na UTI (Coelho; Yankaskas, 2017).

Casos clínicos graves e a possibilidade de morte acentuam a dificuldade de

comunicação e, desse modo, vê-se a necessidade de melhora na abordagem deste assunto com a família dos pacientes, com a finalidade de minimizar o medo e as dúvidas em relação à recuperação e qualidade de vida. Para que isso aconteça, é necessário que ocorram mudanças nas condutas utilizadas pela equipe multiprofissional, priorizando uma boa comunicação e esclarecimento à família, a fim de tornar esse processo menos doloroso para os envolvidos (Pegoraro; Paganini, 2019).

Gráfico 1: Comunicação dos enfermeiros com os pacientes em cuidados paliativos. Ceará. Junho de 2024.



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Apesar da equipe de enfermagem em terapia intensiva ter como foco central o bem-estar do paciente, passando mais tempo à beira do leito e observando precocemente as alterações de gravidade dos assistidos, muitas vezes falta disponibilidade para atender às reais necessidades dos pacientes e seus familiares, bem como para manter uma interação efetiva.

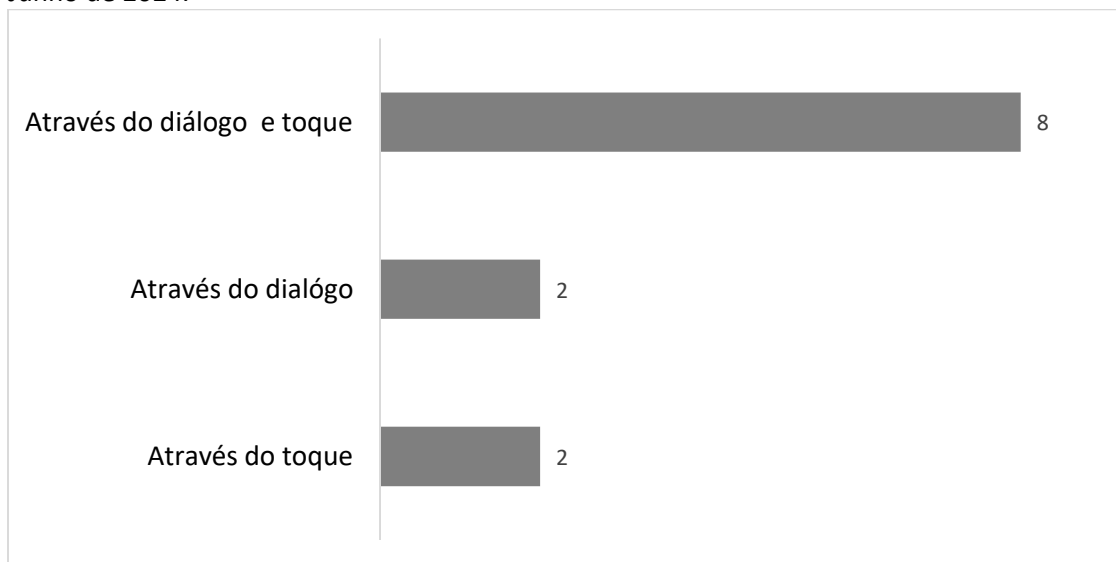
A enfermagem de uma UTI adquire conhecimentos específicos para desenvolver procedimentos à beira leito com dignidade e humanização, além de acompanhar todo o processo de viver/morrer com avaliações sistemáticas, reflexivas em diversas dimensões que envolvem o paciente. Através do avanço tecnológico, e o surgimento de novas técnicas e terapias ao decorrer dos anos, proporcionou um maior controle na quantificação e qualificação do tratamento aos mais diversos tipos de doenças, tendo um maior controle em diversos aspectos biológicos apresentados pelo paciente, pois, a maioria dos óbitos ocorre no hospital, sendo o maior número na UTI (Santos, 2021).

Dessa forma o enfermeiro assume um papel primordial na previsão e provisão de recursos necessários ao cuidado, bem como a avaliação das demandas de cada paciente, planejando e implementando ações que permitam ao indivíduo passar pela terminalidade sem sofrimento (Pires; Monteiro; Vasconcelos- Raposo,2020).

Vale salientar que a comunicação vai muito além das palavras e do conteúdo, uma vez que contempla a escuta atenta, o olhar e a postura, porquanto o emprego eficaz desse recurso é uma medida terapêutica comprovadamente eficiente para pacientes que dele necessitam, sobretudo os que se apresentam em fase terminal (Rodrigues; Ferreira; Menezes, 2010).

Nessa perspectiva, a comunicação adequada é considerada um método fundamental para o cuidado integral e humanizado porque, por meio dela, é possível reconhecer e acolher, empaticamente, as necessidades do paciente, bem como de seus familiares. Quando o enfermeiro utiliza esse recurso de forma verbal e não verbal, permite que o paciente possa participar nas decisões e cuidados específicos relacionados com a sua doença e, dessa forma, obtenha um tratamento digno (Mullan; Kothe, 2010).

Gráfico 2: Comunicação da equipe de enfermagem com pacientes em cuidados paliativos. Ceará. Junho de 2024.



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Os cuidados dos pacientes em terminalidade de vida apresentam desafios complexos e difíceis para os profissionais de enfermagem. É especialmente difícil

quando há um vínculo emocional entre o profissional, o paciente e sua família. Nessa situação, em que não há mais possibilidades terapêuticas de cura, cabe ao enfermeiro, juntamente com a equipe multidisciplinar, fornecer cuidados paliativos para melhorar a qualidade de vida do paciente durante o tempo restante. Isso inclui alívio da dor, conforto e promoção da autonomia, além de auxiliar no enfrentamento de outras adversidades. Também é importante preparar a família para aceitar a possibilidade de morte e prevenir um luto complicado (Cavalcanti *et al.*, 2018).

A comunicação eficaz entre profissionais de saúde e familiares de pacientes é crucial para garantir um atendimento humanizado, centrado no paciente e na família. Através de uma comunicação clara, empática e respeitosa, é possível fortalecer a confiança entre as partes, reduzir o estresse e a ansiedade dos familiares, e promover uma melhor compreensão do plano de tratamento e cuidados do paciente (Oliveira *et al.*, 2021).

É importante garantir que os familiares sejam incluídos nas discussões e tomadas de decisões relacionadas aos cuidados do paciente, respeitando suas opiniões e preferências. A transparência e a honestidade são fundamentais nesse contexto, pois ajudam a estabelecer confiança e fortalecer o vínculo entre a equipe de saúde e a família (Cavalcanti *et al.*, 2018).

Segundo Coelho (2017) uma acolhida empática e sensível por parte dos profissionais de saúde também é essencial, reconhecendo e validando as emoções e preocupações dos familiares, e oferecendo suporte emocional adequado de acordo com suas necessidades individuais.

Portanto, a equipe de enfermagem em cuidados paliativos na UTI deve estar preparada para lidar com situações de luto e ter um papel ativo no suporte às famílias após a perda de um ente querido. Isso pode incluir a disponibilidade para ouvir, encaminhar para serviços de apoio psicológico, participar de rituais de despedida e fornecer orientações práticas sobre questões burocráticas e funerárias (Queiroz, 2018).

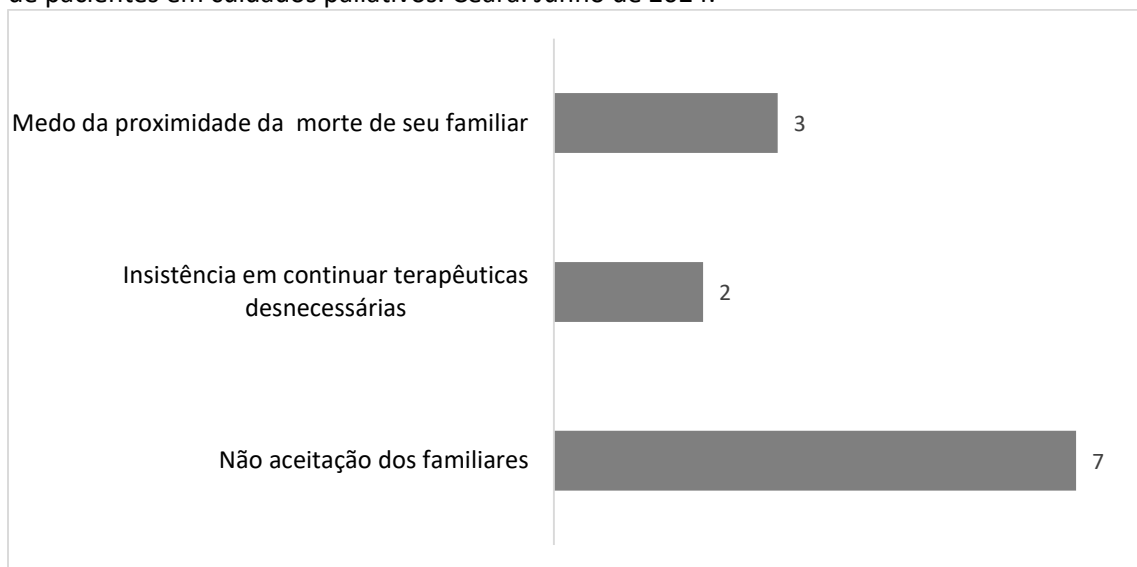
E ainda, a comunicação efetiva e empática com os familiares é essencial para garantir a prestação de cuidados paliativos de qualidade na UTI. Isso envolve ouvir ativamente, fornecer informações claras e contextualizadas, envolver os familiares nas decisões relacionadas aos cuidados do paciente e oferecer suporte emocional durante todo o processo (Oliveira *et al.*, 2021).

Ressalta-se que a comunicação efetiva também desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar emocional dos pacientes em cuidados paliativos. Os enfermeiros podem oferecer suporte emocional, conforto e compreensão, ajudando os pacientes a lidar com suas emoções, medos e angústias. Através de uma comunicação empática e sensível, eles podem ser um apoio vital para os pacientes e seus familiares durante esse período desafiador (Queiroz, 2018).

Os profissionais de saúde ainda encontram dificuldade em conversar sobre notícias difíceis com pacientes e familiares, uma vez que ao noticiar prognósticos não favoráveis, faz com a ação de comunicar -se gere constrangimento e desconforto (Guimarães; Goldim, 2023). Dessa forma, ressalta-se que o diálogo entre o profissional da Saúde e a família do paciente terminal pode desvendar muitos anseios, medos e dúvidas presentes nessa dimensão e, de tal modo, promover a criação de vínculo, importante e necessário nessa etapa da vida (Ordahi; Padilha; Souza, 2007).

É importante que as informações repassadas tanto para o paciente quanto para seu familiar devem ser de forma lenta, progressiva, levando em consideração a capacidade de compreensão destes sobre o quadro clínico, sendo fundamental que o profissional esteja disponível para esclarecer a informação quantas vezes for necessária (Gobbi, 2020).

Gráfico 3: Dificuldades encontradas pelos enfermeiros durante a comunicação com familiares de pacientes em cuidados paliativos. Ceará. Junho de 2024.



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Entretanto, persistem obstáculos importantes no cenário da terapia intensiva,

como a sobrecarga de trabalho, o déficit de preparo profissional para lidar com situações de terminalidade e a dificuldade em conduzir diálogos sobre más notícias. Tais fatores podem comprometer a qualidade da comunicação, tornando-a fragmentada ou insuficiente. Nesse sentido, a literatura aponta a necessidade de capacitação permanente em habilidades comunicacionais, com foco no manejo das emoções e na mediação de conflitos, de modo a fortalecer a atuação da enfermagem no contexto paliativo (Oliveira; Santos, 2019; Brasil, 2018).

A não aceitação da terminalidade de uma doença é citada nesta pesquisa como a maior dificuldade encontrada pelos enfermeiros, seguidos por medo da proximidade da morte e a não aceitação dos familiares no prognóstico negativo.

A finalidade primária da UTI não deve ser apenas de promover tratamento agressivo; ela deve também ajudar pacientes e familiares a tomarem decisões sábias, no que se refere ao final da vida. A Resolução nº 1.805/2006 do Conselho Federal de Medicina (CFM) dá suporte à suspensão de tratamentos fúteis para a doença terminal incurável, se aceita pelo paciente ou por seu representante legal.

A diretiva antecipada de vontade, embasada na resolução 1.995/2012 do CFM é um documento legal e ético que permite aos profissionais da saúde respeitar a vontade de uma determinada pessoa, fazendo suas próprias escolhas, como receber ou recusar um tratamento, caso esteja incapacitado de comunicar-se ou expressar sua vontade (Coelho; Yankaskas, 2017).

É sábio ressaltar que os cuidados paliativos têm como objetivo principal amenizar a dor e os sintomas físicos, além de promover o suporte psicossocial e espiritual, ver a morte como um processo natural e não adiantar ou prolongar o processo de morte e morrer. Também buscam promover a independência e autonomia do paciente, além de prestar assistência aos familiares ou pessoas próximas do paciente oncológico na UTI (Franco *et al.*, 2017). Esses princípios são essenciais para garantir que o paciente e seus entes queridos recebam cuidados abrangentes e compassivos.

Assim, os achados deste estudo reafirmam a comunicação como tecnologia leve do cuidado em saúde, essencial para transformar experiências de sofrimento em vivências mais acolhedoras e éticas. Investir na qualificação comunicacional da equipe de enfermagem em UTIs representa uma estratégia fundamental para consolidar práticas de cuidados paliativos mais integrais, humanizadas e coerentes com as

necessidades do ser humano em seu processo de finitude (Merhy, 2016; Ministério da Saúde, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a maioria dos enfermeiros participantes do estudo recebeu, ao longo de sua formação profissional, algum tipo de capacitação voltada à comunicação com pacientes em cuidados paliativos. Além disso, todos os profissionais reconheceram que a comunicação efetiva se configura como ferramenta essencial para o cuidado integral desses pacientes.

Os achados evidenciam que a comunicação pelos enfermeiros e por sua equipe ocorre tanto por meio do diálogo quanto pelo toque. Quando conduzida de forma adequada, essa prática exerce impacto significativo na aceitação e compreensão dos familiares acerca da condição do paciente. Assim, a comunicação não se limita à transmissão de informações, mas atua como instrumento de humanização e acolhimento, fortalecendo vínculos de confiança entre equipe, paciente e familiares.

Dessa forma, a comunicação efetiva permite aos profissionais de saúde compreender de maneira mais aprofundada as necessidades e desejos dos pacientes em cuidados paliativos, contribuindo para o alívio do sofrimento físico e emocional. Paralelamente, promove cuidados mais humanizados e centrados no paciente, reafirmando a relevância da qualificação contínua em competências comunicacionais, dada sua importância ética, clínica e psicológica no contexto da atenção em unidades de terapia intensiva.

Diante disso, torna-se evidente que investir no aprimoramento das habilidades comunicacionais dos enfermeiros em UTIs não apenas potencializa a qualidade da assistência em cuidados paliativos, mas também constitui campo fértil para futuras pesquisas que explorem estratégias inovadoras de ensino, protocolos clínicos e tecnologias de suporte à comunicação, visando consolidar práticas cada vez mais humanizadas e efetivas.

REFERÊNCIAS



ARAÚJO, M. M. T.; SILVA, M. J. P. A comunicação em cuidados paliativos: revisão integrativa da literatura. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 54, e03621, 2020..

BRASIL. Conselho Federal de Medicina. **Resolução CFM nº 1.805, de 9 de novembro de 2006**. Diário Oficial da União, Brasília, Seção I, p. 169, 28 nov. 2006.

_____. Conselho Federal de Medicina. **Resolução CFM nº 1.995, de 9 de agosto de 2012**. Dispõe sobre as diretivas antecipadas de vontade dos pacientes. Diário Oficial da União, Brasília, Seção I, p. 269-270, 31 ago. 2012.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/12**. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. [Internet]. Diário Oficial da União. 12 dez. 2012 . Disponível: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em 15 de outubro de 2023.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Cuidados Paliativos. **Brasília: MS**, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Manual Técnico de Cuidados Paliativos. **Brasília: MS**, 2022.

CARVALHO, R. T. et al. A comunicação em saúde no contexto dos cuidados paliativos: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, n. 2, e20200954, 2021.

CAVALCANTI, I. M. C.; OLIVEIRA, L. O.; MACÊDO, L. C.; LEAL M. H. C.; MORIMURA, M. C. R.; GOMES, E. T.. Princípios dos cuidados paliativos em terapia intensiva na perspectiva dos enfermeiros. **Rev Cuidarte**, v.10, n.1, p.1-10, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i1.555>.

COELHO, C. B. T.; YANKASKAS, J. R. Novos conceitos em cuidados na Unidade de Terapia Intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 29, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20170031>

FRANCO HCP, STIGAR R, SOUZA SJP, BURCI LM. Papel da enfermagem na equipe de cuidados paliativos: a humanização no processo da morte e morrer. **Rev Gestão Saúde**.2017.

GALVÃO, M. I. Z. et al. COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL COM PACIENTES ONCOLÓGICOS EM CUIDADOS PALIATIVOS. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 31, n. 3, 2017.DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v31i3.22290>

GUIMARÃES, J.; JOSÉ ROBERTO GOLDIM. Compreensão e comunicação de cuidados paliativos em neonatologia: abordagem bioética. **Revista Bioética**, v. 31, 1 jan. 2023.



GOBBI, M. B. Comunicação de más notícias: um olhar da psicologia. **Diaphora**, v. 9, n. 2, p. 66–69, 2020.

GOMES, ANA LUISA ZANIBONI; OTHERO, MARÍLIA BENSE. Cuidados paliativos. **Estudos avançados**, v. 30, p. 155-166, 2016.

GULINI, J. E. H. M. B.; NASCIMENTO, E. R. P.; MORITZ, R. D.; ROSA, L. M.; SILVEIRA, N. R.. A equipe da Unidade de Terapia Intensiva frente ao cuidado paliativo: discurso do sujeito coletivo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.51, n.51, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980220X201604170322>.

MATSUMOTO DY. Cuidados paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: Carvalho RT, Parsons HA. **Manual de cuidados paliativos ANCP**. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina; 2012.

MERHY, E. E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. 4. ed. São Paulo: **Hucitec**, 2016.

MULLAN, B. A.; KOTHE, E. J. Avaliação de um curso de treinamento em habilidades de comunicação em enfermagem: as relações entre capacidade autoavaliada, satisfação e desempenho real . **Educação de Enfermagem na Prática**. v. 10, n. 6, p. 374–378, nov. 2010.

MUNHOZ B. A., PAIVA, H.S., ABDALLA, B. M. Z., ZAREMBA, G., RODRIGUES, A. M. P., CARRETTI, M. R., & GIGLIO, A. De um lado ao outro: o que é essencial? Percepção dos pacientes oncológicos e de seus cuidadores ao iniciar o tratamento oncológico e em cuidados paliativos. **Einstein**.2014.

ORDAHI, L. F. B.; PADILHA, M. I. C. DE S.; SOUZA, L. N. A. DE. Comunicação entre a enfermagem e os clientes impossibilitados de comunicação verbal **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 5, p. 965–972, out. 2007.

OLIVEIRA, R. A; MORAES, E. N. A evolução dos cuidados paliativos no Brasil e as perspectivas para o futuro. **Revista Bioética**, v. 29, n. 2, p. 237-245, 2021.

OLIVEIRA, EKF; SIMÕES, BAR; SOUZA, YMV; FERNANDES, N.; POLAZ, DCN; SOUZA, LA. O papel do enfermeiro no manejo ao paciente terminal em UTI: uma revisão integrativa. **Scire Salutis** , v.11, n.3, p.6-13, 2021. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2021.003.000>

OLIVEIRA, J. DO ROCIO DE CRISTO; VIEIRA DA SILVA, C.; LIMA BRANDÃO, M. Cuidados paliativos: a assistência de enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 20, n. 1, p. 49–63, 5 ago. 2021.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, M. A. A comunicação da equipe de enfermagem frente aos cuidados paliativos em UTI: revisão narrativa. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 13, n. 4, p. 1148-1156, 2019.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Cuidados paliativos:



necessidades globais. **Genebra**: OMS, 2018.

PEGORARO, M. M. DE O.; PAGANINI, M. C. Cuidados paliativos e limitação de suporte de vida em terapia intensiva. **Revista Bioética**, v. 27, n. 4, p. 699–710, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019274353>

PIRES, LUÍSA MARIA; MONTEIRO, MARIA JOÃO; VASCONCELOS-RAPOSO, JOSÉ JACINTO. Sofrimento nos enfermeiros em cuidados de saúde primários. **Revista de Enfermagem Referência**, 2020.

QUEIROZ, KARINY TABOSA. Percepções dos enfermeiros acerca dos cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva: **revisão integrativa**. 2018.

RODRIGUES MVC, FERREIRA ED, MENEZES TMO. Comunicação da enfermeira com pacientes portadores de câncer fora de possibilidade de cura. **Rev Enferm UERJ**. 2010.

SANTOS, L.D.S, Cuidados paliativos em uma unidade de terapia intensiva: percepção de enfermeiros e técnicos de enfermagem. **Dissertação Mestrado** UFPB/CE, 102 f. 2021



**A COMUNICAÇÃO EFETIVA REALIZADA POR ENFERMEIROS NA UNIDADE DE TERAPIA
INTENSIVA FRENTE AOS CUIDADOS PALIATIVOS**

Araujo et. al.